



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2022  
ISSN 1887-4606  
Vol. 16(4) 886-916  
[www.dissoc.org](http://www.dissoc.org)

---

*Artículo*

---

**(Des)fiacão discursiva em disputa: censura  
e resistência entre grafites e pichações –  
"Marielle, presente!"**

*Discursive (un)threading in dispute: censorship  
and resistance between graffiti and tagging  
(pichação) – "Marielle is present!"*

*Eduardo Alves Rodrigues*  
Universidade Estadual de Campinas

*Cármem Lúcia Hernandes Agustini*  
Universidade Federal de Uberlândia

*Érica Daniela de Araújo*  
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

## Resumo

*Neste artigo, analisamos, a partir da perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso, o funcionamento discursivo de uma disputa semântica, delimitada de março de 2019 a março de 2022, entre grafites em homenagem à Marielle Franco e pichações que procuram negar/silenciar essa homenagem. Essa disputa coloca em jogo censura e resistência. Nesse funcionamento, procuramos analisar e compreender como os gestos de grafitar e de pichar significam esse jogo como gestos político-simbólicos que determinam e são determinados pelo espaço da vida social, movimentando o jogo das interpretações sobre o social e sobre o modo como o(s) sujeito(s) com ele se relacionam. No âmbito da análise que desenvolvemos, questionamos: o que esses gestos, inscritos nos muros de uma universidade pública, dão a ler-interpretar? Trabalhamos esse questionamento por meio de uma leitura dessa disputa que procurou restituir a (des)fição discursiva sobre a qual se constitui certa narratividade sobre Marielle e seu assassinato. A análise permitiu compreendermos que censura e resistência são movimentos dominantes que determinam a (des)regulação dos dizeres sobre Marielle e seu assassinato.*

**Palavras-chave:** Marielle Franco. Grafite. Pichação. Censura. Resistência.

## Abstract

*In this article, from the theoretical-methodological perspective of Discourse Analysis, we analyze the discursive functioning of a semantic dispute, delimited from March 2019 to March 2022, between graffiti in honor of Marielle Franco and graffiti that seek to deny/silence this homage. This dispute lays censorship and resistance at issue. In this functioning, we seek to analyze and understand how the gestures of graffiti and tagging (pichação) signify this issue as political-symbolic gestures that determine and are determined by the space of social life, moving interpretations about the social and the way in which subjects relate to it. Within the scope of the developed analysis, we question: what do these gestures, inscribed on the walls of a public university, give to read-interpret? In order to answer this question, we read this dispute seeking to restore the discursive (un)threading on which a certain narrativity about Marielle and her murder is constituted. The analysis allowed us to understand that censorship and resistance are dominant movements that determine the (de)regulation of sayings about Marielle and her murder.*

**Keywords:** Marielle Franco. Graffiti. Tagging (Pichação). Censorship. Resistance.

## **Um grafite se apresenta à leitura: narratividade como (des)fição discursiva**

Neste artigo, fundamentados na perspectiva teórico-metodológica da Análise de Discurso (AD), inscrevemo-nos entre aqueles que concebem o espaço da vida social como aquele em que se articulam, no e pelo funcionamento da linguagem, o político e o simbólico, de modo a produzir memória e interpretações. Em outros termos, inscrevemo-nos entre aqueles que buscam compreender a (re)produção/transformação das relações de sentidos nos processos discursivos que interpretam, sobredeterminando política e ideologicamente, o espaço da vida social como lugar em que a disputa por sentidos acontece de diferentes modos. De nossa perspectiva, os discursos, nesse espaço, são conformados por relações de poder, cabendo ao analista de discurso desautomatizar as leituras que naturalizam essas relações e que tendem a homogeneizar, imaginariamente, esse espaço. Em outras palavras, desautomatizar a forma de ler a vida social para compreendê-la em seus modos específicos de significação (Orlandi, 2003).

Ler a vida social, nessa perspectiva, implica (re)lermos o modo como certo sentido da relação cidade-urbano exerce dominância sobre a heterogeneidade dos espaços que a constituem. Em outras palavras, esse sentido sobredetermina o modo como podem ou devem significar (e ser significados) os diferentes espaços político-simbólicos que a constituem, dissimulando sua divisão desigual. É preciso, pois, considerar esse jogo para (re)lermos a relação dos sujeitos com esses diferentes espaços da/na vida social. Esse processo de (re)leitura, ao tomar a vida social como materialidade discursiva, visa expor o olhar leitor à sua opacidade constitutiva, isto é, trabalhá-la a partir da perspectiva do funcionamento da linguagem, restituindo-lhe seu estatuto político-simbólico-ideológico.

Assim, a (re)leitura do espaço da vida social que aqui empreendemos constrói uma experimentação teórico-metodológica em AD, na qual (re)ler a relação dos sujeitos com esse espaço se deu metafórico-metonimicamente, pela análise do funcionamento discursivo de um grafite, inscrito no muro de uma universidade pública, cujo funcionamento (re)produziu as condições de produção de visibilidade a uma acirrada disputa por sentidos e por poder. É a partir desse grafite, produzido em 14 de março de 2019 para homenagear Marielle Francisco da Silva, Marielle Franco, que construímos uma (re)leitura possível para essa disputa, o que nos permitiu restituir certa narratividade que se (re)atualiza no e pelo jogo político-simbólico-ideológico que administra sentidos sobre Marielle e seu assassinato. Nesse percurso de experimentação, a materialidade discursiva dessa narratividade torna-se legível ao reportarmos o grafite às pichações, e às derivas decorrentes dessa disputa.

Dito isto, enfatizamos que o objeto da pesquisa aqui relatada é constituído pela disputa discursiva que se (re)atualiza na e pela materialidade discursiva do grafite e das pichações que com ele rivalizam. Enfatizamos, ainda, que o objetivo deste artigo não é, do ponto de vista estrito, resenhar os variados estudos sobre grafites e pichações<sup>1</sup>, mas dar consequência ao fato de que essas duas formas discursivas significam a disputa por sentidos e por poder que caracterizam a vida social. No caso específico desta pesquisa, a análise que empreendemos dá visibilidade ao modo como essa disputa se (re)produz/transforma na e pela narratividade sobre Marielle e o seu assassinato. É assim que a análise também expõe ao olhar leitor certas nuances da vida social.

Nessa direção, interessa-nos tomar grafite e pichação em sua constituição simbólico-político-ideológica, observando como a relação entre essas formas (re)produz/transforma efeitos ao se tornar legível/visível no muro universitário. Portanto, em nossa reflexão, grafite e pichação não se reduzem a formas de arte e/ou vandalismo, tal como pode sugerir o senso comum. Tomamo-los como formas discursivas que funcionam no seio da vida social como efeito do modo como sujeitos se dizem e são ditos – interpretam(-se) – na relação com a própria vida social, em suas divisões sócio-histórico-ideológicas. Nessa perspectiva, grafite e pichação são formas discursivas que constituem o corpo plural e significativo (ORLANDI, 2001b) que caracteriza o espaço da vida social.

Para a realização da experimentação teórico-metodológica proposta, mostrou-se significativo (re)ler o conceito de narratividade em Mariani (1996) e em Orlandi (2016), o que nos permitiu a produção de uma compreensão desse conceito de maneira alinhada e coerente com o processo de restituição das condições de leitura da disputa entre grafites e pichações como objeto de análise. A partir do que propuseram as autoras, compreendemos narratividade como um mecanismo discursivo que materializa, ao modo de fio(s), relações possíveis na condição esburacada da memória (Pêcheux, 1999). Nessa perspectiva, a narratividade funciona ao (re)produzir efeito(s) de memória relativamente à sua verticalidade constitutiva no interdiscurso (Mariani, 1996). Logo, a narratividade, no modo como a compreendemos, também se realiza como um dos mecanismos de retorno do interdiscurso sobre o fio intradiscursivo do dizer.

Desse modo, as relações que o(s) fio(s) da narratividade materializam são inter e intradiscursivas. Sendo assim, narratividade conceitua o modo como a memória se diz (Orlandi, 2016) e é dita, (re)atualizando aí a disputa entre relações de força, a partir de um (re)arranjo "no todo complexo com dominante das formações discursivas"<sup>2</sup>, o que permite certo jogo de acomodação-estranhamento, isto é, certo movimento de (re)inscrição do sentido, como efeito, no dizer, suscitando movimentos de repetição,

resistência e ruptura, que parametrizam constitutiva e imaginariamente o acontecimento histórico da significação. Nas palavras de Mariani (1996), é a narratividade, como mecanismo discursivo que *atua* junto à memória, que "possibilita a reorganização imaginária do acontecer histórico em suas repetições, resistências e rupturas" (Mariani, 1996, p. 119).

Essa descrição do funcionamento da narratividade traz como ressonância a advertência de Pêcheux de que há "sempre um jogo de forças na memória sob o choque do acontecimento" (Pêcheux, 1999, p. 53), condizente com a divisão própria à identidade material do dizer, pois para se dizer algo é necessário que outros dizeres deixem de ser ditos<sup>3</sup>. O mecanismo da narratividade, portanto, trabalha (n)a memória, dissimulando a divisão da identidade material do próprio dizer, o que (re)produz, como efeito, o imaginário da linearidade histórica do dizer. Podemos compreender, dessa maneira, que o mecanismo da narratividade *atua*, isto é, funciona administrando o jogo de forças constitutivo da memória, determinando as relações que (des)regulam a produção do dizer como acontecimento histórico a ser lido. Sendo assim, a narratividade, como mecanismo discursivo, determina como o fio intradiscursivo "absorve" o jogo entre paráfrase e polissemia, dissimulando o fato de que a metáfora é um processo sem início nem fim que *habita* o dizer, conforme descreve o próprio Pêcheux: "sob o 'mesmo' da materialidade da palavra [do dizer] abre-se, então, o jogo da metáfora, como outra possibilidade de articulação discursiva... Uma espécie de repetição vertical, em que a própria memória esburaca-se, perfura-se antes de desdobrar-se em paráfrase" (Pêcheux, 1999, p. 53).

A narratividade caracteriza, em decorrência disso, o modo pelo qual o sujeito é (re)inscrito no "*processo do Significante na interpelação e na identificação*, processo pelo qual se realiza o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção" (Pêcheux, 1995, p. 133-134, destaque do autor). É assim que a narratividade coloca em cena um processo de interlocução entre posições discursivas, (re)atualizando o modo como, contraditoriamente, as relações de força (re)organizam as condições ideológicas da (re)produção/transformação do dizer, em suas repetições, resistências e rupturas, (re)produzindo a invisibilidade do efeito de memória, ou seja, do efeito de que *um fio puxa outro(s) fio(s)* e, assim, sucessivamente. Dito de outro modo, a contradição em funcionamento barra a exatidão da repetição porque o que se repete não coincide com o que é/foi dito. Essa não coincidência se funda pelo modo como a história se faz presente numa memória que se estrutura pelo esburacamento em todas as direções, abrindo assim o dizer à repetição, resistência e ruptura.

Cabe aqui fazermos um pequeno parêntese para explicarmos como compreendemos "efeito de memória". O efeito de memória é um efeito de

relação possível, jamais um efeito de lembrança. Em outras palavras, o efeito de memória é um efeito de relação/relações no interdiscurso. Com base nessa compreensão, podemos dizer que memória e interdiscurso não funcionam sinonimicamente na Teoria do Discurso de Michel Pêcheux. O "tecido" da memória resulta do processo de esburacamento sem início nem fim que, por sua vez, resulta do processo histórico de formação dessas relações possíveis. Os buracos da memória indiciam os rastros do mo(vi)mento de produção dessas relações possíveis (de sentido). Dessa maneira, a memória testemunha o processo de (re)produção de sentidos; os buracos que a constituem são as marcas de seu acontecimento. É por isso que podemos dizer que os buracos da memória ressoam o interdiscurso. O efeito de memória faz funcionar esse ressoar.

De forma breve e retomando, compreendemos repetição, resistência e ruptura como os três movimentos fundadores das relações de sentido possíveis, cujos efeitos se projetam, no dizer, no e pelo jogo entre paráfrase e polissemia. A repetição funda o dizer porque este se produz a partir do já dito historicizado. Como relação prevalente na constituição do dizer, sustenta a produção do efeito parafrástico. A ruptura, por sua vez, indicia a não exatidão que regula esse processo: o que se repete jamais se repete integralmente; logo, a repetição inscreve a ruptura enquanto movimento fundador do dizer. Desse modo, todo dizer rompe, de alguma forma e em alguma medida, com o já dito. Como relação prevalente na constituição do dizer, o movimento de ruptura sustenta a produção do efeito polissêmico. Além disso, determina esse processo a força histórica da resistência que opera, por um lado, sustentando o efeito de permanência de certas relações de sentido, e, por outro lado, sustentando o efeito de abertura a outras relações de sentido.

Esses três movimentos descrevem, a nosso ver, o que está em jogo quando consideramos as condições ideológicas, isto é, as condições de administração do processo (re)produção/transformação do dizer, na relação com o simbólico e com o político. E são nesses e por esses movimentos que o processo de identificação do sujeito com o(s) sentido(s) se (re)produz/transforma. É nesses termos que compreendemos Orlandi (2016, p. 21) quando ela afirma que narratividade corresponde à "maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito", o que possibilita ao sujeito reconhecer-se *pertencente (ou não)* a certos espaços de interpretação forjados a partir de "específicas práticas discursivas" (Orlandi, 2016, p. 21), uma vez que já funciona para esse sujeito o imaginário de uma sua identidade individua(liza)da<sup>4</sup>.

Como efeito do funcionamento, sem início nem fim, da narratividade, (re)produz-se um processo incessante de (des)fição discursiva. Esse processo é a parte legível do funcionamento da narratividade, a parte legível

do trabalho na memória, noutras palavras, a parte legível das relações entre fios. E é realizando o trabalho de leitura, interpretação do legível, que o sujeito se constitui por identificação. Identificação a quê? Identificação aos efeitos de sentidos, isto é, às relações de sentido – e de distribuição desigual de poder – que o processo de (des)fição discursiva indicia ao costurar certa narratividade. E, como parte legível do funcionamento da narratividade, o processo de (des)fição não se reduz a enunciados ou textos classificados como narrativos. Em nossa sociedade, outros objetos se apresentam à leitura como essa parte legível, como as diferentes produções artísticas e, mais recentemente, os objetos digitais.

Em decorrência do exposto, concluímos que o processo de (des)fição, para o sujeito, apresenta-se de modos diferentes e variados em relação à necessidade histórica do sentido de se manifestar a partir de diferentes materialidades significantes, na relação indissociável com a materialidade dos sujeitos. O sentido é efeito no e para o sujeito. São diferentes modos de o heteróclito da linguagem constituir os sujeitos historicamente. Logo, essa variação material de objetos<sup>5</sup> que se apresentam à leitura é uma demanda tanto do sentido quanto do sujeito por significarem<sup>6</sup>. E a observação dessa variação dá visibilidade, por sua vez, à relação de concorrência que os sentidos mantêm entre si, assim como os sujeitos, por significarem. Isso se dá, vale ressaltarmos, porque a significação não se fecha em determinada ou única relação de sentido, função do não fechamento do simbólico.

Concluímos, também, que o funcionamento da narratividade se torna apreensível somente por meio da prática da leitura (analítica), a qual permite restituir a ressonância da historicidade em (des)fição que a constitui. A leitura impõe a (re)produção de articulações sintáticas que possibilitam a (re)atualização de relações interdiscursivas. É dessa maneira que a leitura, como gesto político-simbólico, inscreve o sujeito na posição de leitor do objeto a ser lido, com sua textualização política. Essa imposição da e pela leitura ocorre como demanda ao sujeito pelo (re)estabelecimento/pela (re)construção de uma rede de relações que restitui consistência significativa aos fios discursivos, ao movimento por meio do qual um fio puxa – evoca – outro fio. Por isso, a narratividade não está no objeto a ser lido: ela é uma construção do gesto de leitura.

### **O grafite "Marielle, presente!"**

O grafite que analisamos foi executado, em 14 março de 2019, em um ponto do muro que circunda o campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, como parte do ato em homenagem à Marielle Franco, "Ato Unificado – Justiça por Marielle". Essa homenagem se deu em função de Marielle Franco ter sido assassinada e esse crime ter sido significado como

um crime político, dadas as lutas sociais empreendidas por ela. Seu assassinato permanece irresoluto e sob investigação.

O ato unificado foi organizado pela Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia (ADUFU) em parceria com mulheres de diversas entidades e movimentos sociais, com partidos políticos e com a prefeitura do campus, como uma das atividades de celebração ao Mês Internacional da Mulher daquele ano. O ato contemplou, não apenas o grafite em análise, mas também uma mesa-redonda sobre Marielle e mulheres negras na política, além do lançamento do livro de Marielle, intitulado "UPP: A redução da favela a três letras", fruto de sua pesquisa de mestrado em Administração pela Universidade Federal Fluminense.

O grafite de Marielle foi realizado pelo artista Cleiton Custódio Ferreira, da Companhia Blue Art, que desenvolve uma pesquisa pictórica denominada "realismo azul", por meio da qual apresenta retratos monocromáticos experimentando as possibilidades artísticas significativas da cor azul. No muro da Universidade, o grafite foi fotografado por nós, e uma das fotos desse arquivo fotográfico é reproduzida a seguir (Figura 1).



**Figura 1.** O grafite de Marielle. Fonte: Fotografia de arquivo pessoal.



**Figura 2.** Foto de Marielle. Fonte: Isto é Online<sup>7</sup>.

No grafite, a imagem do busto de Marielle parece decalcar uma espécie de gabarito que permitiria a reprodução de uma imagem sintética dos muitos retratos, como este reproduzido a seguir (Figura 2), que circulam em diferentes mídias e redes sociais, (d)enunciando, por um lado, a existência e o assassinato de Marielle, e, por outro, convocando o interlocutor-leitor a protestar contra esse crime e sua impunidade, que se mantém em certa projeção (inter)nacional. Esse efeito de convocação se ancora na relação dessa imagem com o enunciado "Marielle presente!!", grafado em letras vermelhas, que inscreve/(re)atualiza uma posição discursiva marcadamente favorável a esse protesto.

Além desses efeitos e de outros possíveis, esse modo de circulação dos retratos de Marielle (re)produz como efeito um trajeto de leitura no qual a imagem de Marielle se apresenta como inequivocamente (re)conhecível. Como já destacamos acima, faz efeito na significação do grafite a reprodução parafrástica do enunciado "Marielle, presente!". Este enunciado evoca certa memória de sentidos metafóricos e metonímicos que suspendem a ausência aparentemente irrevogável de Marielle Franco, em decorrência de seu assassinato. Vejamos como esses dois processos acontecem.

"Marielle, presente!" torna-se audível e legível no enunciado "Marielle presente!!", escrito/lido no grafite. Isso marca a relação parafrástica entre eles e, em decorrência disso, movimentação nas relações de sentido que evocam. "Marielle presente!!", dessa maneira, evoca sentidos que identificam Marielle Franco como alguém que se reconhecia mulher, negra, moradora de favela, bissexual, e cuja bandeira política defendia, notadamente, as minorias sociais,

dentre estas, as diversas identidades de gênero e de sexo, as mulheres e os negros, em especial, os favelados. Evoca, ainda, certa narratividade, que a descreve como cidadã nascida brasileira, no Rio de Janeiro, em 27 de julho de 1979; socióloga de formação, iniciou a carreira política em 2006, tornando-se vereadora na cidade do Rio de Janeiro pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) em 2016, sua primeira legislatura. Na política, foi declaradamente feminista e defensora dos Direitos Humanos; e integrou, como relatora, a comissão da Câmara que fiscalizava a intervenção federal e militar nas favelas da capital fluminense. Ela fez várias denúncias contra a violência da Polícia Militar, exigindo que esta respeitasse os direitos das pessoas das favelas e de negras e negros brasileiros. Em decorrência de seu trabalho e de tais denúncias, Marielle passou a ser significada como símbolo e (porta-)voz de inúmeras pautas políticas, sociais e identitárias.

Marielle foi assassinada covarde e brutalmente a tiros, em 14 de março de 2018, após mediar um debate promovido pelo PSOL com jovens negras, na Casa das Pretas, no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Desde então, a pergunta "Quem mandou matar Marielle?" reverbera nacional e internacionalmente, em diferentes vias e meios, reivindicando esclarecimento e justiça para o crime. Nessas reivindicações, ecoa a equivocidade do enunciado, "Marielle, Presente!", que coloca, em relevo, para seu interlocutor-leitor, ao mesmo tempo, a força ideológica do gesto de interpelação que ele (im)põe e a suspensão do imaginário de estabilização dos sentidos sobre o modo como o assassinato de Marielle pode e/ou deve ser significado.

A equivocidade desse enunciado pode ser lida, por exemplo, no modo como ele convoca certos movimentos de sentido que evocam a rede de memória esburacada como condição estruturante da significação. Ou seja, a equivocidade, que impede uma chave de leitura para o enunciado, se materializa na e pela (re)atualização de sentidos, na forma de metáforas e metonímias, que podem jogar em direções, ao mesmo tempo, convergentes e divergentes. É nessa medida que discursivamente dizemos que a equivocidade é função do caráter político do sentido, do dizer. Sendo assim, no gesto de interpretação, esse enunciado, nas condições históricas de (re)produção/transformação que mobilizam o interlocutor na posição de seu leitor, evoca redes de sentidos constituídas a partir da inscrição do leitor em determinada formação discursiva, projetando uma narratividade necessariamente cindida/polissêmica; portanto, um cenário sócio-histórico e ideológico de disputa por/entre sentidos e dizeres.

Dizemos, com isso, que os sentidos metafóricos e metonímicos, assim evocados, sustentam essa cisão, o que se marca quando o gesto de interpretação propõe a interrogação: Marielle – quem? Presença de qual Marielle? Que presença é verificada, reivindicada (ou rechaçada)? A

enunciação de "Marielle, presente!", em mo(vi)mento de repetição recorrente, interpela certo interlocutor-leitor a reconhecer-se na militância implicada pelas causas ou bandeiras que Marielle pode evocar, ou seja, presentifica a pauta de reivindicação que esse nome pode evocar. É assim que, mesmo morta, vive presente, através, por exemplo, dos sentidos que a significam como (porta-)voz dos movimentos sociais, presença da mulher negra favelada na política, defensora das minorias. Sentidos que são formulados por meio dos enunciados (re)produzidos na coluna A do Quadro disposto a seguir.

Ao mesmo tempo, essa repetição enunciativa coloca em concorrência por significar a atualização discursiva que põe em cena o interlocutor-leitor filiado a formações discursivas cujos sentidos caucionam interpretações que podem significar Marielle como um mal a ser combatido, eliminado. Nessa perspectiva, os enunciados (re)produzidos tanto na coluna A, quanto na coluna B do Quadro disposto a seguir, podem ser compreendidos como formuladores da equivocidade que se opera sobre como a vida e o assassinato de Marielle Franco podem ser interpretados. Assim, a partir da leitura do Quadro 1, podemos compreender que Marielle teria sido assassinada não só por ter sido significada como "defensora das minorias", mas também por ter sido significada como "bandida (do PSOL)", "miliciana".

No Quadro 1, são elencados enunciados que circulam socialmente materializando o processo de (des)fição discursiva constitutivo da narratividade que (des)estabiliza o que se pode/deve saber sobre Marielle Franco. Na coluna A, são destacados aqueles que marcam a filiação discursiva à evidência com a qual se lê Marielle Franco como resistência a forças políticas e sociais dominantes na sociedade brasileira. Na coluna B, aqueles que marcam a filiação discursiva à evidência a partir da qual Marielle Franco seria integrante de organizações criminosas. Os enunciados de ambas as colunas foram recortados de reportagens lidas em diferentes portais e blogs online de notícias.

### Quadro 1

*A significação de/sobre Marielle Franco em disputa.*

	A	B
Marielle,	"voz dos movimentos sociais do Rio de Janeiro." <sup>8</sup>	"mulher negra eleita por bandidos." <sup>9</sup>
	"mulher negra na política." <sup>10</sup>	"bandida do PSOL e do PT." <sup>11</sup>
	"defensora das minorias." <sup>12</sup>	"miliciana." <sup>13</sup>

	"defensora dos favelados." <sup>14</sup>	"extremista, defensora de ideais perturbadores." <sup>15</sup>
	"feminista." <sup>16</sup>	"vive enchendo o saco." <sup>17</sup>

Nota. Fonte: elaboração dos próprios autores.

O Quadro 1 restitui certa visibilidade a sentidos metafóricos e metonímicos, por meio dos quais a cisão da memória ressoa na e pela interpretação que significaria quem teria sido Marielle, que significaria, portanto, como teria se dado sua presença no seio da vida social em nossa sociedade, em especial, após o seu assassinato. Isso torna legível, na e pela leitura, a equivocidade constitutiva dessa interpretação: Marielle é apresentada tanto como defensora das minorias quanto como miliciana, o que indicia na leitura do Quadro 1 metáforas em disputa, e, por sua vez, essas metáforas em disputa significam certo litígio em relação aos dizeres que podem e devem *narrar* Marielle, sua vida e seu assassinato.

Essas metáforas significam Marielle metonimicamente, também, constituindo, dessa forma, um espaço no qual sentidos jogam em sua inexatidão, marcando a impossibilidade de inscrever Marielle em um dizer integral ou totalizante, ou seja, abrindo a articulação entre a evidência do absurdo e o absurdo da evidência (Rodrigues, Agustini, Branco e Barros, 2020). Nesse jogo, a descrição de Marielle (re)inscreve a incoerência dada pela articulação de pré-construídos aparentemente (des)alinhados, por exemplo: "defensora das minorias" e "miliciana". Esse jogo dissimula, dessa maneira, certo binarismo como interpretação dominante sobre Marielle, a despeito de outras interpretações que poderiam determinar, em relação à Marielle, o trajeto de constituição desse sujeito e dos sentidos sobre ele. Em outras palavras, o binarismo que domina a narratividade sobre Marielle produz o efeito de restrição à abertura irrevogável do simbólico, dissimulando o apagamento do funcionamento político no/do movimento da significação, ou seja, dissimulando o fato de que toda e qualquer narrativa sobre Marielle é, por definição, um gesto polissêmico.

De forma mais explícita, essas metáforas, que parecem linearizar, na e pela retórica do binarismo, a narratividade sobre Marielle, (re)inscrevem certas derivas metonímicas (Pêcheux, 1995), de tal modo que, ao (re)lmos a metáfora "Marielle, feminista", destacada do Quadro 1, tornam-se evocáveis as evidências "vereadora", "mulher", "mãe", "negra", "defensora das favelas" ou "miliciana" como metonímias. Assim, entre metáforas e metonímias, (re)inscrevem-se as relações entre o dito e o não-dito, (d)enunciando a relação dos dizeres do Quadro 1 com o "'não está', o 'não está mais', o 'ainda não está' e o 'nunca estará' da percepção imediata: nela se

inscreve assim a eficácia omni-histórica da ideologia como tendência incontornável a representar as origens e os fins últimos, o alhures, o além e o invisível" (Pêcheux, 1990, p. 8).

Essa compreensão nos leva à advertência de que o Quadro 1 (in)visibiliza certa ausência histórica constitutiva do processo de (des)fição discursiva que constrói o discurso de Marielle como um gesto de resistência-revolução possível relativamente ao funcionamento do aparelho político-jurídico-administrativo-militar dominante que censura esse gesto. É esse mesmo funcionamento que produz as condições materiais da contradição a partir da qual tanto o ocultamento dos assassinos de Marielle quanto a recorrência de manifestações que reivindicam a identificação e a punição deles são (re)inscritos no e pelo trabalho da memória discursiva, que, por sua vez, ressoa como narratividade cindida sobre (o assassinato de) Marielle.

Por esse raciocínio, o jogo metafórico-metonímico que o Quadro 1 (in)visibiliza nos mostra, por conseguinte, por um lado, o efeito da força ideológica do gesto de interpelação que o enunciado "Marielle, Presente!" (im)põe aos interlocutores-leitores, injungindo-lhes, assim, (contra)identificação<sup>18</sup> aparentemente inequívoca, seja às paráfrases da coluna A do Quadro, seja àquelas da coluna B do Quadro. Por outro lado, considerando o já exposto, se (re)lemos o enunciado "Marielle, Presente!" remetendo-o às paráfrases do Quadro 1, compreendemos que, de nossa posição como analistas de discurso, torna-se impossível considerarmos o Quadro como síntese de um programa de leitura que (re)produz o binarismo (coluna A vs. coluna B) como chave retórica – superficial e imaginária – de leitura da significação de/sobre (o assassinato de) Marielle.

Ao questionarmos essa chave de leitura, movimentamos o dispositivo analítico de modo a trabalhar a espessura semântica que o nome e a história de Marielle Franco evocam, remetendo o jogo metafórico-metonímico, exposto a partir da superfície linguística que o Quadro 1 subscreve, a um regime de dessupercificalização que restitui, ao campo do legível, outras articulações e latitudes discursivas que também se inscrevem na narratividade sobre Marielle e seu assassinato. É por meio desse procedimento que podemos ler como o enunciado "Marielle, Presente!" pode ser interpretado a despeito da (re)atualização da força ideológica do gesto de interpelação que o enunciado (im)põe via, por exemplo, o referido binarismo retórico (Marielle é *x* ou é *y*), o que põe em suspenso o imaginário de estabilização de sentidos que o Quadro 1 recobre ideologicamente. Com a dessuperficialização da leitura, provocamos uma mexida no regime de administração de sentidos forjado pela força ideológica da interpelação à interpretação supostamente possível de se assentar no Quadro 1.

Veremos, a seguir, como essa (re)atualização e suspensão ressoam significativamente no grafite em análise como materialidade discursiva.

## Um muro como arena discursiva: entre grafites e pichações

Orlandi (2004, p. 31) afirma que "a narratividade urbana tem vários pontos de materialização" e o muro da Universidade pode funcionar como um desses espaços de discursivização dessa narratividade. A Universidade, embora seja um espaço dito público, não é de acesso a todos. A Universidade Federal de Uberlândia faz seu muro valer como um ponto de materialização de diferentes modos, inclusive ao estampar nele o seu lema – "UFU, um bem público a serviço do Brasil" – e um conjunto de grafites. Esses grafites, segundo o Portal de Notícias da Universidade<sup>19</sup>, resultam de um projeto que visava aproximar a arte urbana da realidade acadêmica, homenageando personalidades brasileiras. Em um dos muros da Universidade Federal de Uberlândia, no campus Santa Mônica, foram grafitadas imagens de Grande Otelo e de Marielle Franco.

Na condição de analistas de discurso, compreendemos o grafite de Marielle Franco como materialidade discursiva, isto é, sócio-histórica e ideologicamente constituída, na qual lemos "a presença dos vestígios desse modo pelo qual os sujeitos estruturam e se estruturam nessa realidade urbana" (Orlandi, 2001b, p. 10) e o fazem pelo modo como significam e se significam. Nessa direção, embora a Universidade o apresente como parte de um projeto que intentaria aproximar a sociedade da arte urbana, no cenário político atual, o grafite de Marielle movimentava sentidos que (se) inscrevem (n)o gesto político-simbólico das pichações que sobre ele foram feitas e que, com ele, disputam por significar. É assim que podemos dizer que o grafite de Marielle constitui um contínuo de (des)fição discursiva que ganha visibilidade nessa arena de disputa por sentidos e significações e na qual o índice dessa disputa fica marcado no encontro/choque entre duas formas históricas: o grafite e a pichação.

### Primeiro mo(vi)mento de (re)atualização da disputa



**Figura 3.** Pichação sobre o grafite de Marielle, registrada em 29 de abril de 2019. Fonte: Fotografia de arquivo pessoal.

Cerca de um mês e meio após a homenagem à Marielle, estampada no muro da UFU, ocorreu a primeira pichação sobre o grafite (Figura 3). Essa pichação, a despeito das diferentes formas que ela poderia ter assumido, se deu sob a forma de um borrão, um rabisco feito com tinta preta disposto sobre a face de Marielle no grafite. Apesar da pichação, o rosto de Marielle continua legível, mas a pichação indicia outras articulações e latitudes discursivas que permitem (re)direcionar a interpretação. Uma delas pode remeter o interlocutor-leitor à restituição do sentido de atentado que culminou com a morte de Marielle em 2018.

Ao sofrer esse atentado, na forma de pichação, a imagem de Marielle no grafite torna-se maculada, o que indicia um gesto político-simbólico que mira o silenciamento e a interdição dos sentidos evocáveis por meio da homenagem que o grafite materializa. Os sentidos em homenagem são, dessa maneira, contestados/negados pela pichação. Mais ainda: a tinta preta pode remeter o interlocutor-leitor à historicidade que atribui à Marielle sua negritude e, ao mesmo tempo, impõe o racismo como atentado contra a mulher negra que atuava na política carioca, o que lhe projetava, ao menos, nacionalmente. Nessa direção, a pichação pode, a depender da filiação sócio-histórico-ideológica do interlocutor-leitor, metaforizar o pré-construído racista segundo o qual "todo negro – e tudo o que ele representa – deve morrer". É esse processo metafórico que produz consistência significativa à leitura dessa pichação como repetição discursiva do assassinato de Marielle, reinscrevendo, no campo da memória, logo, no campo do legível, tanto os motivos pelos quais ela foi assassinada quanto os motivos pelos quais se continua questionando "quem a mandou matar".

Compreendemos, assim, que o grafite (re)atualiza certo mo(vi)mento no processo de (des)fição discursiva que constitui a narratividade sobre Marielle e seu assassinato. A pichação procura colocar em xeque esse mo(vi)mento, de modo a restituir à Marielle uma condição significativa a partir da qual seu assassinato parece justificável, e até louvável. É nesse jogo que essa arena de disputa dos e pelos sentidos se materializa. Nesse ponto de materialização da narratividade sobre Marielle e seu assassinato, a pichação suspende o efeito de dissimulação da divisão da identidade do dizer que o mecanismo da narratividade produz como efeito. Com isso, saímos da aparente transparência do efeito do binarismo do Quadro 1 para a pluralidade do sentido, porque "sentidos se abrem em sentidos, que se abrem em sentidos" (Orlandi, 2007, p. 155).

### **Repetição, resistência, ruptura**

Após o grafite ser restaurado da primeira pichação, cerca de três meses depois, foi novamente pichado. Repetição. Resistência. Ruptura.

Consideremos, a seguir, as fotografias desse segundo mo(vi)mento de (re)atualização da disputa entre grafite e pichações.

A Figura 4 refere-se ao segundo mo(vi)mento de pichação sobre o grafite restaurado de Marielle. Nessa pichação, seus olhos e sua boca foram borrados com tinta marrom. Assim como no primeiro mo(vi)mento de pichação, o grafite de Marielle continua legível. A pichação indicia, nesse caso, articulações e latitudes discursivas que permitem ao interlocutor-leitor estabelecer determinados gestos de interpretação que mantêm uma relação de filiação ao primeiro mo(vi)mento de pichação, uma vez que, tal como no primeiro caso, a homenagem é maculada por um gesto político-simbólico que evoca o silenciamento e a interdição do olhar e da voz de Marielle. Metafórico-metonimicamente, esse gesto intenta silenciar e interditar tanto o que Marielle defendia em seu posicionamento político quanto o horizonte simbólico possível de ser referido através de seu olhar como mulher negra favelada e ativista política. É dessa maneira que esse processo metafórico-metonímico, lido em relação à significação da pichação da Figura 4, (re)atualiza, de outra maneira, a repetição discursiva do assassinato de Marielle: apesar de diferente da pichação da Figura 3, faz significar o mesmo efeito, entre outros possíveis.



**Figura 4.** Pichação sobre o grafite de Marielle, registrada em 18 de julho de 2019. Fotografia de arquivo pessoal.



**Figura 5.** Pichação sobre o grafite de Marielle, registrada em 12 de setembro de 2019. Fotografia de arquivo pessoal.

Com esse mo(vi)mento de pichação, os sentidos em homenagem são novamente contestados/negados. Nessa pichação, no entanto, o borrão nos olhos e na boca remetem a sentidos de censura, de silenciamento, de interdição por meio de um gesto simbólico de violência: tapar/amordaçar a boca e vendar os olhos para, metafórico-metonimicamente, intentar tapar/amordaçar/vendar certa narratividade sobre Marielle e seu assassinato. Acrescentamos ainda que há, nessa pichação, sem forma e sem estrutura

enunciativa canônica, uma equivocidade latente entre (i) Marielle foi morta para não mais "ver" e não mais "falar" e (ii) Marielle, já morta, não pode/deve permanecer "vendo" ou "falando". Em (ii), essa equivocidade ganha certa visibilidade no modo como "morte" significa permanência/continuidade de vida tanto para a voz quanto para o olhar de Marielle (aquilo que ela via e (d)enunciava).

Além disso, a pichação, na Figura 4, procura interditar essa equivocidade, para fazer valer um único sentido para a morte de Marielle, aquele segundo o qual o seu dizer, suas denúncias e lutas cessariam, silenciariam, ou seja, procura romper com outros sentidos possíveis para (a causa de) sua morte. Dessa maneira, podemos compreender a pichação em análise como um gesto no domínio do simbólico que funciona de modo a domesticar, administrar certos sentidos, em especial, aqueles que certa narratividade sobre Marielle e seu assassinato pode evocar.

Essa equivocidade permite ainda questionarmos: o que Marielle não poderia mais "ver" ou "falar"? A depender da posição discursiva do interlocutor-leitor, há diferentes respostas possíveis, as quais movimentam essa arena de disputa dos e pelos sentidos. Uma das respostas possíveis responderia à articulação discursiva que, na (des)fição discursiva da narratividade sobre Marielle e seu assassinato, evoca sentidos de que Marielle (d)enunciou, por exemplo, irregularidades na ação da polícia militar nas favelas. De uma certa posição, denúncias/lutas como essas justificariam seu assassinato. E justificariam também a resistência à homenagem.

A figura 5, por sua vez, mostra o terceiro mo(vi)mento de pichação sobre o grafite, que não apaga o segundo, e é constituído pelos seguintes dizeres dispostos em tinta preta: "vive enchendo o saco", "~~Entrometida~~", "En[c]hendo o saco", "Bandida do PSOL e PT", além de marcas que podem ser lidas como borrões/rabiscos/rasuras (in)inteligíveis.

Como já mostrado na leitura do Quadro 1, o enunciado "vive enchendo o saco"<sup>20</sup> é uma formulação que filia as pichações em formações discursivas divergentes/antagônicas às formações discursivas que sustentam os sentidos em homenagem endereçados a Marielle. Ao aparecer como pichação na Figura 5, o enunciado se mostra equívoco, uma vez que permite ao interlocutor-leitor questionar, por exemplo, a quem Marielle incomoda e por que ela incomoda. A depender da posição discursiva assumida, diferentes respostas podem ser restituídas a essas questões, tais como:

- (a) Marielle "encheria o saco" por defender os direitos das minorias;
- (b) Marielle "encheria o saco" por ser filiada a um partido de esquerda (PSOL);
- (c) Marielle "encheria o saco" por denunciar abusos das Forças Armadas e da Polícia nas intervenções militares no Rio de Janeiro;

- (d) Marielle "encheria o saco" por ser negra, bissexual, feminista e/ou moradora de favela;
- (e) Marielle "encheria o saco" por ter existido e, mesmo depois de morta, ter representatividade social;
- (f) Marielle "encheria o saco" por significar a possível ascensão social dos negros.

Abaixo do dizer supra-analisado figura, do lado esquerdo da cabeça de Marielle, um borrão/rabisco/rasura (in)inteligível e, do lado direito, o enunciado (sic) "~~Entrometida~~", o qual, embora rasurado, permanece legível. O adjetivo "intrometida", que evoca sentidos de xingamento, indicia o funcionamento de um processo de nominalização cujo efeito é manter, na ordem do não-dito, as referências discursivas que a dita transitividade do verbo "intrometer-se"<sup>21</sup> equivocadamente reclamaria. Essas referências discursivas funcionariam como respostas possíveis a perguntas como: Marielle seria intrometida por quê? Marielle teria se intrometido em quê? Por que interessaria qualificar Marielle como "intrometida"? Como essas referências discursivas permanecem na ordem do não-dito e na ordem da instabilidade, o enunciado (sic) "~~Entrometida~~" funciona na manutenção da equivocidade já apontada na leitura do enunciado "vive enchendo o saco". Acrescentamos que essa equivocidade realça a manutenção de certo efeito de abertura/inexatidão sobre as referências discursivas que significam como não-dito: *por quê? em quê? de quem? para quem? a quem?*

Por fim, o enunciado "bandida do PSOL e PT"<sup>22</sup> (re)atualiza a relação parafrástica entre "ser bandida" e "ser de esquerda" e/ou "ser vermelha", o que restitui à leitura desse enunciado a seguinte articulação possível: "é bandida porque é de esquerda/vermelha". Essa articulação, por sua vez, pode se movimentar para a latitude discursiva na qual se inscreve como pré-construído a relação semântica na qual "bandido bom é bandido morto". A (re)atualização dessa latitude, na leitura do enunciado "bandida do PSOL e PT", permite inferir que a pichação se filia à interpretação segundo a qual "político de esquerda bom é político morto". Essas articulações e latitudes remetem o interlocutor-leitor à força política que, no Brasil, posiciona-se como a maior antagonista da esquerda, a chamada "extrema direita". É nessa formação discursiva – "extrema direita" – que a relação semântica entre "bandido bom é bandido morto" e "político de esquerda bom é político morto" circula inequivocamente, ou seja, como evidência. Essa evidência se marca nos enunciados proferidos pelo maior expoente da força política da "extrema direita" atualmente no Brasil, o atual Presidente da República, como destacado a seguir:

- "Bandido bom é bandido morto" – fala pronunciada por Bolsonaro quando ainda era parlamentar, em 2016<sup>23</sup>.

- "Vamos varrer do mapa os bandidos vermelhos do Brasil" – fala pronunciada por Bolsonaro em 22 de outubro de 2018<sup>24</sup>.
- "Bandidos de esquerda começaram a voltar ao poder" – fala pronunciada por Bolsonaro em 14 de agosto de 2019<sup>25</sup>.

Dessa maneira, o enunciado "bandida do PSOL e PT", se lido em relação aos enunciados "bandido bom é bandido morto" e "político de esquerda bom é político morto", pode (re)atualizar certo efeito de justificativa para o assassinato de Marielle, interpretada como "bandida" na e pela pichação, e, por isso, passível de ser assassinada. Esses enunciados e as relações de sentidos que neles se (re)atualizam/materializam evocam um clima de "guerra", uma vez que produzem sentidos que convocam a violência contra aqueles que estão em uma posição diferente daquela que se mostra legível nas e pelas pichações, como a posição responsável pela homenagem à Marielle.

Diante do exposto, podemos compreender que o gesto das pichações presentes nas Figuras 3, 4 e 5 constitui-se afetado pela política sócio-histórica-ideológica do poder dizer (política que coloca o sujeito em uma relação de injunção à interpretação, em determinada direção) e, dessa maneira, (re)atualiza dizeres/discursos/sentidos, já em circulação, como aqueles que se marcam legíveis nos enunciados analisados. Em seu modo de dizer, as pichações sobrescrevem o grafite (e os dizeres e sentidos que nele e por ele significam). Essa sobrescrição pode ser lida como índice/marca de um gesto simbólico de violência, já que as pichações procuram silenciar, amordaçar, vendar, tapar, interditar, apagar certas metáforas em detrimento de outras.

Dito de outro modo, os grafites e as pichações, em sua materialidade discursiva, funcionam também como lugares de "manifestação das relações de forças e de sentidos que refletem os confrontos ideológicos" (Orlandi, 2007, p. 21). Nessa direção, as pichações presentes na Figura 5 podem ser lidas em uma relação de convergência com as pichações presentes nas Figuras 3 e 4. Essa sequência de pichações, registrada entre abril e setembro de 2019, (d)enuncia a violência como uma das marcas significativas do confronto ideológico que se desdobra no muro universitário que, nessa conjuntura, funciona como ponto de materialização dessa arena discursiva, na qual a narratividade sobre Marielle e seu assassinato é (re)atualizada. Por essa leitura, podemos dizer que as pichações das Figuras 4 e 5 tensionam o processo de (des)regulação da produção do dizer sobre Marielle e seu assassinato e, por conseguinte, o efeito de administração do jogo de forças constitutivo da memória que esse acontecimento histórico movimenta.

## O jogo grafita-picha no movimento dos sentidos

O terceiro mo(vi)mento de (re)atualização da disputa por sentidos e significações entre o grafite e as pichações nele sobrescritas abre-se para outros mo(vi)mentos em que são produzidos outros grafites e, para estes, outras pichações. Deriva-se desse jogo discursivo, (re)atualizado por meio desses objetos simbólicos apresentados à leitura, uma tensão no processo de (des)fiacção discursiva, que produz como efeito certa (des)estabilidade em relação à narratividade sobre Marielle e seu assassinato.

Narratividade cujos fios, por um lado, (re)atualizaram a discursividade que significou a homenagem à Marielle na forma dos grafites (Figuras 1, 3, 4, 5, 6, 8 a 11), e, por outro lado, (re)atualizaram a discursividade que significou o gesto de interdição à homenagem na forma das pichações dispostas sobre o grafite (Figuras 3, 4, 5, 6, 7, 9 e 11).



**Figura 6.** Pichação ao lado do grafite de Marielle, registrada em 12 de set. de 2019. Fotografia de arquivo pessoal.



**Figura 7.** Colagem de panfletos sobre a pichação (Fig. 6), registrada em 04 de nov. de 2019. Fotografia de arquivo pessoal.



**Figura 8.** Novo grafite sobre o grafite pichado (Fig. 6), registrado em 19 de nov. de 2019. Fotografia de arquivo pessoal.



**Figura 9.** Pichação sobre novo grafite (Fig. 8), registrada em 09 de dez. de 2019. Fotografia de arquivo pessoal.



**Figura 10.** Mais um grafite em homenagem à Marielle, produzido sobre o grafite pichado (Fig. 9), registrado em 19 de agosto de 2021. Fotografia de arquivo pessoal.



**Figura 11.** Pichação sobre tentativa de reprodução do primeiro grafite (Fig. 1), registrada em 16 de março de 2022. Fotografia de arquivo pessoal.

O conjunto das Figuras 6 a 11 compõe uma série discursiva com as Figuras 1 a 5. Essa série restitui ao muro universitário certo estatuto político-simbólico, reiterando seu funcionamento como um ponto de materialização da arena discursiva em que certos sentidos/discursos concorrem por significar: um dizer (pichações) procura interditar outro (grafite(s)) e, dessa maneira, a homenagem que se procurava significar é de novo contestada/negada.

A leitura das Figuras 6 e 7 permite-nos dizer que a materialidade político-simbólica do muro vai sendo tomada, aos poucos, para fazer caber outros sentidos/significações dessa disputa, ampliando a legibilidade do confronto ideológico que a regula. À direita do grafite e das pichações mostrados nas Figuras 4 e 5, o seguinte jogo parafrástico torna-se legível na e pela equivocidade da formulação: "mulher negra eleita por bandidos". Essa equivocidade se estrutura pela diferença de letras e de cores com que o enunciado é grafado: "MULHER NEGRA ELEITA", pichado em vermelho,

com letra de forma em caixa alta, e "por bandidos", pichado em preto, com letra cursiva. A irregularidade nessa estrutura linguística possibilita a inscrição, ao mesmo tempo, tanto de convergências quanto de divergências discursivas, evocando articulações e latitudes discursivas (des)fiadas da narratividade sobre Marielle e seu assassinato e que remontam o interlocutor-leitor ao Quadro 1. Assim, podemos ler uma tensão discursiva sobre a inexatidão do que se pode afirmar por meio dessa pichação, que os dizeres a seguir procuram indiciar:

- cena 1) Mulher negra eleita por bandidos.
- cena 2) Interlocutor A: Mulher negra eleita.  
Interlocutor B: Por bandidos.

A cena 2 configura-se como base material que torna possível/legível uma deriva no dizer materializada na Figura 7 sob a forma de uma colagem de panfletos sobre a pichação "por bandidos". A panfletagem, dessa maneira, assume o enunciado "mulher negra eleita", ao mesmo tempo que, por um lado, contesta/nega/interdita o enunciado "por bandidos", e, por outro, questiona: "Quem mandou matar Marielle?"

Acrescentamos que o enunciado "Quem mandou matar Marielle?" funciona, também, como palavra de ordem, que se abre, parafrasticamente, à relação com outro enunciado, "Marielle, presente!", evocado na leitura do grafite original. Por meio dessa relação, fica restituído também ao enunciado "Marielle, presente!" o funcionamento como palavra de ordem que reverbera no grafite, como enunciado síntese da narratividade indiciada na disputa discursiva em análise.

A palavra de ordem "Quem mandou matar Marielle?", por sua vez, sobrescreve, como grafite, conforme Figura 8, o grafite e as pichações que estampavam parte do muro universitário, conforme Figura 6. Como se torna possível ler na Figura 9, o novo grafite é também pichado com tinta preta, que risca a extensão superior do grafite, atingindo a parte "quem mandou matar" do enunciado "Quem mandou matar Marielle?". Ao contrastarmos as figuras que compõem os recortes até o momento, é possível restituir ao campo do legível/visível a forma material dessa arena discursiva que (re)atualiza o jogo de tensão entre grafites e pichações no movimento dos sentidos. Essa forma material é recorrente e se inscreve no tecido político-simbólico do muro universitário no ritmo do seguinte batimento: *grafita-picha, grafita-picha, grafita-picha...*

No muro, é assim que se materializa a (des)fição discursiva que expõe ao olhar leitor a equivocidade da narratividade sobre Marielle e seu assassinato. Essa equivocidade é o funcionamento material a partir do qual, ao menos, duas posições discursivas disputam responsabilidades pelo dizer -

uma pela homenagem e outra pela maculação da homenagem. Ao rivalizarem dessa maneira, essas posições (re)produzem o efeito do binarismo caucionado nas articulações discursivas materializadas no Quadro 1. E, dessa maneira, ao se repetir nessa arena, a forma material grafita-picha (re)atualiza discursividades que resistem uma em relação à outra. E nessa arena, ainda, vimos tomando lugar um movimento de ruptura, determinando as nuances que indiciam o modo como um dizer rompe com o já dito, costura necessária para a (re)atualização, no muro, da tensão entre repetições e resistências.

Ainda dentro do jogo *grafita-picha (repetição-resistência-ruptura)*, um novo grafite ganha lugar no tecido político-simbólico do muro universitário, indiciando certo mo(vi)mento de ruptura que irrompe no tecido político-simbólico do muro universitário, sendo absorvido na memória que estrutura o referido jogo. A Figura 10 mostra mais uma tentativa de homenagear o legado de Marielle Franco. Nesse grafite, a forma material do busto de Marielle desliza para a forma material de um perfil estilizado que (re)interpreta como o rosto/a figura de Marielle pode/deve significar por meio de certa (in)distinção, que coloca o rosto/a figura de Marielle em relação parafrástica com certo contorno/perfil pré-construído, atribuível comumente aos rostos/figuras de pessoas negras. Reforça esse movimento de (in)distinção significativa a sobrescrição do nome "Marielle" pelo enunciado "a força de um legado". "Legado", no enunciado, pode não ser referido ao legado de Marielle, podendo ser lido como *o legado do povo negro, o legado das mulheres negras*. Essa equívocidade talvez possa explicar porque, até o momento em que finalizamos este texto, o grafite da Figura 10 não tenha sido pichado.

Por último, a Figura 11 mostra o resultado de uma tentativa de reprodução do grafite originalmente produzido pelo artista Cleiton Custódio Ferreira, que fora recontratado para o trabalho. Dessa vez, ele não teve a chance de concluir o grafite, pois interveio uma pichação que interditou o traço/o trabalho do artista, impedindo a leitura da imagem e inviabilizando a sua restauração. A permanência do grafite mostrado na Figura 10, ao lado do grafite pichado, mostrado na Figura 11, nos leva a compreender que o que se procurou apagar do campo do legível/visível, por meio das pichações, foi a própria narratividade sobre Marielle e seu assassinato. Uma vez que, no campo do dizível, nenhuma marca aparentemente referia essa narratividade, nenhuma pichação pareceu se fazer necessária.

Diante do exposto em relação às Figuras 10 e 11, podemos compreender ainda que o jogo entre repetição, resistência e ruptura coloca em cena que a política da censura (ORLANDI, 2007) funciona a partir de marcas discursivas legíveis/visíveis para aqueles que se posicionam no e pelo silenciamento de qualquer efeito de sentido fornecido fora dos limites das formações discursivas que lhes constituem. Podemos dizer, dessa maneira, que essa

política da censura, ao funcionar nesse espaço de disputa, produz como um de seus efeitos a intolerância àquilo que se apresenta como ideia ou posição contrária. Esse efeito de intolerância parece sustentar a força motora do jogo *grafita-picha*, por meio do qual a homenagem resiste a ser silenciada.

### **Considerações finais: o espaço da vida social como arena discursiva**

"A língua sempre vai onde o dente dói" (Lênin apud Pêcheux, 1995, p. 87). Essa lição de Lênin produz efeitos metafórico-metonímicos que nos ajudam a retomar o que acabamos de apresentar, para compreendermos o jogo *grafita-picha* que se instala no muro universitário. Esse muro é aqui destacado pelo seu funcionamento como arena discursiva por meio da qual a tensão causada pela divisão desigual da sociedade (des)fia-se em certa narratividade. Essa narratividade constrói um lugar material de (re)atualização de certa disputa por lugares sociais que discursivizam melhores condições de dignidade de vida. Tal reivindicação é contestada/negada por posições que dominam ou procuram dominar socialmente esses lugares (ou mesmo impedir que esses lugares possam ser também ocupados por outras posições em rivalidade na luta de classes).

Na arena discursiva aqui analisada, a narratividade sobre Marielle e seu assassinato indicia o funcionamento desse processo discursivo por meio do qual movimentos de repetição, resistência e ruptura são produzidos nas e pelas relações de força e de sentidos que concorrem por significar. É assim que esses movimentos parametrizam, constitutiva e imaginariamente, o acontecimento histórico da significação da homenagem à Marielle Franco, que é repetidamente maculada por meio de gestos de violência simbólica que procuram silenciar, amordaçar, vendar, tapar, interditar, apagar, discursivamente, o que a homenagem produz como significação.

É nessa medida que podemos compreender que a disputa entre grafites e pichações analisada indicia uma questão que não se resolve, apontando para o fato de que o acontecimento *Marielle Franco* incide justamente onde dói o dente. As pichações, em certa medida, procuram sufocar o grito "Marielle, presente!", que o grafite, por sua vez, (re)produz-transforma. Ao mesmo tempo, as pichações procuram contornar certa memória que faz retornar o acontecimento político significado através das discursividades que significa(va)m a presença de Marielle na política carioca/brasileira. Faz parte dessa memória o modo de dizer em defesa das minorias, especialmente, das mulheres, dos negros e dos pobres, emblematizado na situação de comemoração do Dia Internacional da Mulher, na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 8 de março de 2017, quando Marielle interpela a plateia

evocando nomes de mulheres vítimas de feminicídio: Marielle chamava, por exemplo, por "Eliza Samudio?", ao que a plateia respondia, "Presente!".

Podemos compreender, ainda, que, ao ressoar no muro universitário na forma de grafite, o enunciado "Marielle, presente!" produz como efeito uma mexida nas condições político-simbólico-ideológicas do muro em seu funcionamento como ponto de materialização de narrativas urbanas. O muro, que faz trabalhar discursivamente os limites entre a universidade e a comunidade geral, passa a trabalhar, também, um lugar material em que certos limites da leitura e da interpretação são disputados e, por consequência, os próprios limites do espaço da vida social. É nesse processo que o real desse espaço toca o real da interpretação, produzindo como efeito a possibilidade de (des)organização dos contornos simbólicos da cidade, do urbano e dos discursos que aí significam/circulam, o que afeta, de diferente modos, os sujeitos sociais.

Dizemos, com isso, que, ao funcionar como ponto de materialização de narrativas urbanas, o muro (re)produz-transforma os modos pelos quais se (des)organiza a própria divisão desigual da vida social e, nessa conjuntura, sua força motora por excelência, a luta de classes. Nessa direção, homenagear Marielle pode significar uma afronta àqueles que se reconhecem em posições privilegiadas e/ou superiores e/ou dominantes. Essa afronta, aliás, é reiteradamente significada em nossa sociedade e, normalmente, vitimiza mulheres, mulheres negras, mulheres negras e pobres, as quais são injungidas a resistir, como forma de lutar pela própria existência.

Trabalhamos a leitura dos recortes que indiciam nosso arquivo de trabalho, materializados nas Figuras 1 a 11, de modo a (res)significar o que é possível compreender discursivamente quando tematizamos o jogo repetição-resistência-ruptura, situando-o no acontecimento da linguagem. É nesse jogo que se (re)inscrevem, como mostrado na análise, o equívoco, a opacidade, a incompletude e o silêncio como índices da historicidade constitutiva dos processos de significação, índices de que o estatuto material do sentido é que *o sentido não é um, mas muitos* (ORLANDI, 2007, p. 153).

— "Marielle Franco?"

— "Presente!"

## Notas

<sup>1</sup> Para conhecer uma bibliografia interdisciplinar sobre grafite e pichação, sugerimos, por exemplo, ZIBORDI, M. Contraponto ao reducionismo "grafite versus pichação" em São Paulo, capital. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 7(1), p. 185-205, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21814/rlec.2122>. Acesso em: 31 out. 2022; KOGAWA, J.; KNETSCH, P.B. Por uma análise do discurso "revolucionário" em pichações. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 61, p. 1-17, 2019. Disponível em:

<https://doi.org/10.20396/cel.v6i1i1.8653465>. Acesso em: 31 out. 2022; LASSALA, G. *Pichação não é pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas*. São Paulo: Altamira, 2017; SILVA, A. *Atmosferas urbanas: grafite, arte pública, nichos estéticos*. São Paulo: Ed. SESC, 2014; GITAHY, C. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 2012; BEDOIAN, G.; MENEZES, K. (Orgs.). *Por trás dos muros: horizontes sociais do graffiti*. São Paulo: Peirópolis, 2008; GANZ, N.; MANCO, T. (Orgs.). *Graffiti: arte urbano de los cinco continentes*. Barcelona: Gustavo Gilli, 2004; RAMOS, C.M.A. *Grafite, pichação & cia*. São Paulo: Annablume, 1994. Outras referências sobre a temática podem ser encontradas nessas próprias obras, bem como ao final deste trabalho.

<sup>2</sup> Essa é uma das formas pelas quais Pêcheux define interdiscurso (Pêcheux, 1997, p. 151).

<sup>3</sup> Orlandi (2007) teoriza que essa é característica do funcionamento do silêncio constitutivo.

<sup>4</sup> Com base em Orlandi (2017, p. 329-330), o processo de individuação do sujeito pressupõe uma articulação político-simbólica cujo efeito é a realização da forma-sujeito histórica geral do capitalismo, a do sujeito individuado, podemos dizer, pragmático; essa realização, por sua vez, também produz seus efeitos os quais estão inscritos naquilo que chamamos individualismo (subjetivista). No e pelo individualismo, funciona a divisão que estrutura a relação indivíduo-sociedade capitalista e da qual resulta sujeitos divididos entre si e em si.

<sup>5</sup> Essa variação é coerente com a necessidade histórica do sentido, a partir da qual compreendemos que nem tudo é possível de ser significado pelo linguístico. Em outras palavras, a necessidade histórica do sentido se manifesta por meio dessa variação. De forma sintética, Orlandi (2001a) afirma: o que há são versões.

<sup>6</sup> Para essa nossa reflexão, é nessa direção que compreendemos a lição de Orlandi (1995, p. 39), segundo a qual "o sentido tem uma matéria própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar [consistentemente]". E acrescenta: "há uma necessidade no sentido, em sua materialidade que só significa, por exemplo, na música, ou na pintura etc. Não se é pintor, músico, literato, indiferentemente. São diferentes relações com os sentidos que se instalam. São diferentes posições do sujeito, são diferentes sentidos que se produzem" (Orlandi, 1995, p. 39). A autora também aponta que é preciso reconhecer "a necessidade material das diferentes linguagens. Há sentidos que precisam ser trabalhados na música, outros, na pintura, outros na literatura. Para que signifiquem consistentemente. [...] A significação é um movimento, um trabalho na história e as diferentes linguagens com suas diferentes matérias significantes são partes constitutivas dessa história. [...] É no conjunto heteróclito das diferentes linguagens que o homem significa. As várias linguagens são assim uma necessidade histórica" (Orlandi, 1995, p. 40). E isto tem um efeito sobre o modo como o sujeito se constitui na e pela interpretação.

<sup>7</sup> <https://istoe.com.br/wp-content/uploads/sites/14/2018/03/marielle-2-1-1280x720.jpg>

<sup>8</sup> Enunciado destacado da matéria intitulada "Marielle Franco: filha da Maré, negra, defensora dos direitos humanos e feminista" (Portal NSC TOTAL, 15/03/2018), disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/marielle-franco-filha-da-mare-negra-defensora-dos-direitos-humanos-e-feminista>.

<sup>9</sup> Paráfrase derivada da matéria intitulada "Marielle não foi casada com Marcinho VP nem eleita pelo Comando Vermelho" (UOL Confere, Portal UOL, 18/03/2018), disponível em: <https://noticias.uol.com.br/confere/ultimas-noticias/2018/03/18/marielle-foi-casada-com-marcinho-vp-e-eleita-pelo-comando-vermelho.htm>.

<sup>10</sup> Paráfrase derivada da matéria "Marielle é símbolo da ocupação negra na política" (Portal Outras Palavras, 24/09/2020), disponível em: <https://outraspalavras.net/desigualdades-mundo/marielle-e-simbolo-da-ocupacao-negra-na-politica/>.

Eduardo Alves Rodrigues, Cármen Lúcia Hernandez Agustini, Érica Daniela de Araújo, (Des)fição discursiva em disputa: censura e resistência entre grafites e pichações – "Marielle, presente!"

---

<sup>11</sup> Paráfrase derivada da matéria "Notícias falsas sobre Marielle Franco se espalham na internet" (Portal Exame, 21/03/2018), disponível em <https://exame.com/brasil/noticias-falsas-sobre-marielle-franco-se-espalham-na-internet/>.

<sup>12</sup> Enunciado destacado da matéria intitulada "Marielle é 'símbolo global' da defesa das minorias" (Portal Estado de Minas, 21/03/2018), disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/03/21/interna\\_politica.945521/marielle-e-simbolo-global-da-defesa-das-minorias.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/03/21/interna_politica.945521/marielle-e-simbolo-global-da-defesa-das-minorias.shtml).

<sup>13</sup> Enunciado destacado da matéria "Após padre chamá-la de 'miliciana abortista', Marielle chega aos TTs do Twitter" (Portal DCM, 29/02/2020), disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/me-engana-que-eu-posto/marcinho-vp-e-marielle-a-verdade-sobre-esse-boato/>.

<sup>14</sup> Paráfrase derivada da matéria intitulada "Mulher, negra, favelada, Marielle Franco foi de 'cria da Maré' a símbolo de novas lutas políticas no Rio" (Portal BBC/Brasil, 15/03/2018), disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43423055>.

<sup>15</sup> Paráfrase derivada da matéria intitulada "Marielle era 'extremista' e defendia 'ideias perturbadoras', diz Fernando Holiday" (Portal Isto é, 15/03/2019), disponível em: <https://istoe.com.br/marielle-era-extremista-e-defendia-ideias-perturbadoras-diz-vereador-de-sp/>.

<sup>16</sup> Enunciado destacado da matéria intitulada "Marielle Franco: filha da Maré, negra, defensora dos direitos humanos e feminista" (Portal NSC TOTAL, 15/03/2018), disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/marielle-franco-filha-da-mare-negra-defensora-dos-direitos-humanos-e-feminista>.

<sup>17</sup> Enunciado destacado da matéria intitulada " Jovem com camiseta Marielle Vive Enchendo o Saco viraliza" (Portal Pleno News, 30/05/2019), disponível em <https://pleno.news/brasil/politica-nacional/jovem-com-camiseta-marielle-vive-enchendo-o-saco-viraliza.html>.

<sup>18</sup> Com base em Pêcheux (1995) e Indursky (2008), compreendemos identificação e contra-identificação como modalidades discursivas do funcionamento subjetivo, as quais, representam, no dizer, certo efeito de orientação na (re)produção de tomada de posição no processo de produção dos sentidos. A identificação funciona quando há uma superposição – reflexão plena ou parcial – entre o sujeito do discurso e a forma-sujeito que organiza os saberes providos pela relação de formações discursivas que determinam o discurso do sujeito. A identificação plena funciona produzindo como efeito a unicidade imaginária do/para o sujeito (efeito-sujeito), a partir da qual se produz, por parte do sujeito do discurso, a reduplicação plena do saber da forma-sujeito. Em relação a essa produção imaginária, a contra-identificação funciona quando, no processo de tomada de posição, o sujeito do discurso se contrapõe à forma-sujeito que organiza os saberes das formações discursivas com as quais o sujeito do discurso se identifica. Nesse caso, a tomada de posição produz tensão em relação à forma-sujeito, ao sustentar o efeito de separação, divergência, diferença, distanciamento, dúvida, questionamento, contestação, revolta, por exemplo, relativamente aos referidos saberes. Há, ainda, uma terceira modalidade discursivas do funcionamento subjetivo, a da desidentificação, que funciona por meio de uma tomada de posição não-subjetiva, que leva ao trabalho de transformação-deslocamento da forma-sujeito. Em decorrência disso, ao se desidentificar, o sujeito não se encontra mais identificado com determinada relação de formações discursivas, pois já estará identificado à outra. Para Lagazzi (2013, p. 328-329), pensar o processo de identificação como modalidade discursiva do funcionamento subjetivo seria uma redução; a autora defende a necessidade de se reconhecer o processo de identificação como presidido pelo (des)conhecimento, como

processo simbólico, como trabalho metafórico/metonímico na cadeia significante "porque [...] o *non-sens* do inconsciente, em que a interpelação encontra onde se agarrar, nunca é inteiramente recoberto nem obstruído pela evidência do sujeito-centro-sentido que é seu produto' (PÊCHEUX, 1988 [1995], p. 300)".

<sup>19</sup> Conferir matéria intitulada "Prefeitura Universitária promove arte do grafite nos campi" (Comunica UFU, Portal UFU, 30/10/2018), disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticia/2018/10/prefeitura-universitaria-promove-arte-do-grafite-nos-campi>.

<sup>20</sup> "Encher o saco" é uma expressão idiomática do português brasileiro contemporâneo que significa perturbar, incomodar, aborrecer alguém, intrometer-se em assunto alheio. O verbo "viver" acrescido à expressão evoca o sentido de repetibilidade da ação sintetizada na expressão.

<sup>21</sup> Morfologicamente, poder-se-ia compreender "intrometida" como adjetivo deverbal que deriva do verbo "intrometer(-se)".

<sup>22</sup> Vale lembrar que o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e o Partido dos Trabalhadores (PT) se assumem, no Brasil, como partidos de esquerda, os quais são associados, normalmente, à cor vermelha e ao comunismo.

<sup>23</sup> Enunciado destacado do vídeo "Bolsonaro defende que 'bandido bom é bandido morto'", publicado no canal Endireita Pernambuco, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SthiUdn0Cbo>.

<sup>24</sup> Enunciado destacado da matéria intitulada "Bolsonaro ameaça: 'Vamos varrer do mapa esses bandidos vermelhos'" (Portal Carta Capital, 21/10/2018), disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-ameaca-201cvamos-varrer-do-mapa-esses-bandidos-vermelhos201d/>.

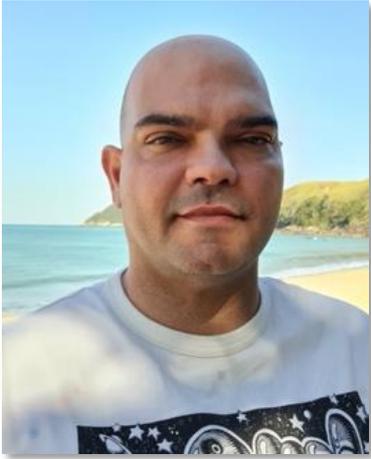
<sup>25</sup> Enunciado destacado da matéria intitulada "'Bandidos de esquerda começam a voltar ao poder' na Argentina, diz Bolsonaro" (Portal O Globo, 14/08/2019), disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/bandidos-de-esquerda-comecam-voltar-ao-poder-na-argentina-diz-bolsonaro-23876208>.

## Referências

- Indursky, F. (2008).** Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em Análise do Discurso. In: S. MITTMANN, E. GRIGOLETTO e E. CAZARIN (Orgs.). *Práticas discursivas e identitárias*. Porto Alegre: Nova Prova, PPG-Letras/UFRGS.
- Lagazzi, Suzy. (2013).** Delimitações, inversões, deslocamentos em torno do Anexo 3. Suzy, Lagazzi, Edson Romualdo e Ismara Tasso (Orgs.). Ismara. *Estudos do texto e do discurso: o discurso em contrapontos – Foucault, Maingueneau, Pêcheux* (p. 311-332). São Carlos: Pedro & João Editores.
- Mariani, B. S. C. (1996).** *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 -1989)*. Tese de Doutorado em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

- Orlandi, E. P. (1995).** Efeitos do verbal sobre o não-verbal. *RUA*, Labeurb/Nudecri, Unicamp, Campinas, vol. 1, nº. 1, 35–47. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638>  
914
- Orlandi, E. P. (2001a).** *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001a.
- Orlandi, E. P. (2001b).** Tralhas e troços: o flagrante urbano. In: Eni P. Orlandi (Org.). *Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano* (p. 9-24). Campinas: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2003).** Ler a cidade: o arquivo e a memória. In: Eni P. Orlandi (Orgs.). *Para uma enciclopédia da cidade* (p. 7-20). Campinas: Pontes; Labeurb/Unicamp.
- Orlandi, E. P. (2004).** *Cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes.
- Orlandi, E. P. (2007).** *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos* (6ª ed.). Campinas: Ed. da Unicamp.
- Orlandi, E. P. (2016).** Era uma vez corpos e lendas: versões, transformações, memória. In: Eni P. Orlandi (Org.). *Instituição, relatos e lendas: narrativa e individuação dos sujeitos*. [e-book] Pouso Alegre: Univas; Campinas: RG Editores. <https://www.univas.edu.br/docs/biblioteca/Instituicao-Relatos-e-Lendas.pdf>
- Orlandi, E. P. (2017).** *Eu, tu, ele – discurso e real da história*. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, M. (1990).** Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, Trad. Bras., p. 7–24. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/86368>  
23
- Pêcheux, M. (1995).** *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (Trad. Bras.). Campinas: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, Michel (1997).** Análise automática do discurso (1969). In: Françoise Gadet & Tony Hak (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (Trad. Bras., 3a. ed., p. 59-158). Campinas: Editora da Unicamp.
- Pêcheux, Michel (1999).** Papel da memória. In: P. Achard *et al.* (Org.) *Papel da memória* (Trad. Bras., p. 49-57). Campinas: Pontes.
- Rodrigues, Eduardo Alves, Agustini, Carmen, Branco, Luiza e Barros, Renata C. B. de (2020).** Isso é uma gripezinha – o Brasil em diminutivo. *Revista da ABRALIN*, v. 19, n. 3, p. 310-330. <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1729>

## Notas biográficas

	<p><b>Eduardo Alves Rodrigues</b> é doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2014); sua pesquisa científica está situada na Linguística, notadamente, na Análise de Discurso, História das Ideias Linguísticas e Semântica, investigando o funcionamento da linguagem, do discurso e da significação e as relações entre sentido, silêncio, linguagem e subjetivação. Antes do doutorado, graduou-se em Letras (UFU, 2003) e realizou mestrado em Linguística (UFU, 2008). Esse percurso acadêmico lhe possibilitou experiências profissionais na docência, na pesquisa científica e na gestão acadêmica/escolar, além da publicação de artigos em coletâneas e revistas científicas conceituadas no Brasil. É pesquisador associado junto ao Laboratório de Estudos Urbanos (LABEURB) da Universidade Estadual de Campinas e vice-líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS-UFU/CNPq). Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/4265096924086049">http://lattes.cnpq.br/4265096924086049</a> Orcid: <a href="https://orcid.org/0000-0001-6818-6647">https://orcid.org/0000-0001-6818-6647</a> E-mail: <a href="mailto:eduardoar76@gmail.com">eduardoar76@gmail.com</a></p>
	<p><b>Cármen Lúcia Hernandes Agustini</b> é professora e pesquisadora do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL), da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em Minas Gerais, Brasil. É doutora e mestre em linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduada em Licenciatura em Letras: português e espanhol pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-São José do Rio Preto. É líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS-UFU/CNPq). Pesquisa na área de Linguística, particularmente em Semântica, Análise de Discurso e História das Ideias Linguísticas. Lattes: <a href="http://lattes.cnpq.br/2810007575519305">http://lattes.cnpq.br/2810007575519305</a> Orcid: <a href="https://orcid.org/0000-0001-5504-3911">https://orcid.org/0000-0001-5504-3911</a> E-mail: <a href="mailto:carmen.agustini@ufu.br">carmen.agustini@ufu.br</a></p>



**Érica Daniela de Araújo** é professora de Língua Portuguesa no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG, campus Araxá). Possui Doutorado (2015-2019) e Mestrado (2012-2014) em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL-PPGEL-UFU). Graduação em Letras (Licenciatura Plena em Português/Inglês e respectivas Literaturas) pela Universidade Federal de Uberlândia (2005-2010). É membro do Grupo de Pesquisa e Estudos em Linguagem e Subjetividade (GELS-UFU). Pesquisa na área de Linguística, particularmente, sobre ensino de escrita em Língua Portuguesa, Análise de Discurso e Semântica.

Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/9393507013247168>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1023-4575>

E-mail: [ericadanielaaraujo@cefetmg.br](mailto:ericadanielaaraujo@cefetmg.br)